

OS DITADOS POPULARES NA PROMOÇÃO DO DIALOGISMO COMO PRÁTICA DE AÇÃO EXTENSIONISTA UNIVERSITÁRIA

Clara Cristine Almeida dos Santos, Gustavo Nascimento Menezes, Julia Vargas Carvalho Santos, Sdenka Jannyne Melo Silva, Tatiana Reges Campos, Roberto Gomes Monção Júnior.

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000- São José dos Campos-SP, Brasil, claracristinealmeida@gmail.com, gustavomenezes0001@outlook.com, vargascjulia13@gmail.com, sdenkamelo09@gmail.com, tatiireges@gmail.com, roberto.moncao@univap.br.

Resumo

O Projeto de Extensão dos alunos do curso de História do 5º período da Univap teve como premissa a troca de saberes entre os universitários e os assistidos pela Sorri, uma OSC de São José dos Campos que atua na integração de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. Os objetivos do estudo e da prática dividiram-se em interpretação da cultura popular e a promoção do autoconhecimento de habilidades pessoais. A metodologia utilizada neste estudo teve base exploratória, de cunho qualitativo, por meio de revisão bibliográfica, utilizando-se de base de dados como periódicos da CAPES e *Google Acadêmico*. O famoso ditado “eu tiro meu chapéu”, cuja origem está no ato de erguer o chapéu da cabeça ao cumprimentar alguém, representa admiração e respeito. Na Sorri, foi trabalhado o significado desse e de outros ditados, para em seguida ser realizada a dinâmica. A conseguinte e planejada atuação abriu caminhos para novas interpretações e pontos de reflexão metodológicos de cunho pedagógico.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Cultura Popular. Metodologias Ativas. Integração.

Área do Conhecimento: Seção de trabalho de extensão universitária direcionada à discussão de temáticas de projetos sociais.

Introdução

A prática da educação não é unilateral. De acordo com o educador Paulo Freire (2014, p. 69), a educação não deve ser considerada simplesmente como a transmissão de um saber ou cultura, nem mesmo como uma extensão de conhecimentos técnicos. O saber científico não deve ser colocado em uma escala de superioridade em relação ao saber popular, que é igualmente legítimo. A relação entre o conhecimento científico e o conhecimento popular urge que ambos caminhem juntos na educação, estabelecendo, assim, uma via de mão dupla, na qual tanto docentes quanto discentes podem compartilhar saberes e experiências (Freire, p. 69, 2014).

A extensão possui esse papel articulador entre a teoria e a prática, bem como entre a academia e a comunidade. Trata-se de um processo de diálogos e trocas mútuas de saberes entre alunos universitários e as comunidades nas quais atuam, durante sua execução, onde podem contribuir para a consolidação de uma sociedade mais democrática e justa. Além disso, a extensão propicia uma formação plenamente cidadã aos estudantes, a partir das experiências práticas que estimulam o senso crítico e a consciência social. Nesse ínterim, é certo afirmar que se revelou como uma ferramenta poderosa para a transformação comum, de modo a abranger a coletividade.

A proposta de extensão universitária dos alunos de História, em 2024, foi direcionada à OSC Sorri, localizada em São José dos Campos, cujos objetivos e propósitos são a integração e consequente capacitação de pessoas com deficiência para o mercado de trabalho, sendo este último, via de regra, demasiado excludente para pessoas nessa qualificação social. A ação realizada durante a visita à Sorri, chamou-se “Eu tiro o meu chapéu?”, que consistiu em uma dinâmica envolvendo os ditados populares.

Os ditados são expressões cotidianas carregadas de significados, que são passadas de geração a geração, podendo ter seu sentido alterado com o passar dos anos, afetando, inclusive, a maneira como são falados. A frase “para ele eu tiro o meu chapéu”, em suas diversas versões, traz em si mesma a demonstração de respeito e admiração por uma pessoa. A dinâmica envolvendo o ditado consistiu em passar um chapéu entre os participantes e os questionar se tiram o chapéu para a

peessoa que estão enxergando, ou não, porém, dentro do chapéu havia um espelho. A dinâmica teve como objetivo promover o auto reconhecimento de habilidades e conquistas por parte dos participantes. Essa ação extensionista se utilizou da memória coletiva (Halbwachs, 1990) como um instrumento de integração das narrativas orais recolhidas durante a dinâmica. Levando em conta a memória individual como um fenômeno social.

Os objetivos do estudo foram a interpretação da cultura popular transmitida, bem como a promoção do autoconhecimento de habilidades e conquistas pessoais, através da dinâmica “Eu tiro meu chapéu?”. Os ditados populares estão presentes nas recomendações individuais, entretanto também pertencem ao ramo da memória coletiva, tornando-se um patrimônio. Os ditados são transmitidos oralmente, pois é por intermédio da memória coletiva que eles ganham significado, devido a isso os ditados só possuem sentido dentro do seu contexto cultural. Os estudos de autores como Halbwachs (1990) e Le Goff (2003) oportunizaram, em conjunto com as atividades realizadas na SORRI, uma reflexão sobre as lembranças individuais para a construção de uma memória coletiva que engloba os ditados populares. As ações geraram um resultado positivo, ao questionarem como as lembranças se mesclam a ponto de que, mesmo apresentando subjetividades em suas interpretações e explicações, os ditados não são retirados de seu sentido sociocultural.

Metodologia

A metodologia utilizada nesta ação extensionista foi fundamentada no estudo exploratório, de cunho qualitativo, por meio de revisão bibliográfica de autores como Paulo Freire (2014) e Le Goff (2003) Maurice Halbwachs (1990). Foi utilizada ainda a prática metodológica de pesquisa-ação colaborativa, que promoveu uma comunicação dialógica entre os autores e os usuários da OSC Sorri em São José dos Campos, a partir do projeto de extensão intitulado “A Instrumentalização dos ditados populares na promoção do dialogismo como prática da ação extensionista universitária”. Além desta, a coleta de narrativas dos participantes foi acrescida aos processos metodológicos a partir de Halbwachs (1990). As ações foram pensadas em conjunto e os resultados foram cientificizados pelos universitários.

Para a atividade prática, foi utilizado um chapéu e, no seu interior, colado um espelho, o qual serviu como um instrumento de autoconhecimento durante a execução da ação. Além disso, visando a inclusão de pessoas com deficiência visual, foi preparada uma página em Braille explicando a atividade. Desse modo, ocorreu a troca e reflexão entre comunidade e o grupo de alunos, a partir da relação dos ditados populares e memória individual, oportunizando um estudo acerca da memória coletiva, a partir das narrativas ali colhidas.

Resultados

A ação realizada na OSC Sorri buscou alcançar três objetivos, englobando a identificação da cultura popular no cotidiano, identificação de conquistas pessoais e a relação entre memória coletiva e individual. Os objetivos foram desenvolvidos por meio de uma roda de conversa sobre cultura popular e uma dinâmica envolvendo ditados populares. A a listagem apresentada abaixo busca demonstrar quais metas foram desenvolvidas durante a ação extensionista, durante o período da tarde na sede da OSC Sorri no município de São José dos Campos.

Tabela 1: objetivos desenvolvidos na ação extensionista

Objetivos
Interpretar elementos da <u>cultura popular no cotidiano</u>
Autoconhecer <u>habilidades e conquistas</u> pessoais
Compreender a <u>memória individual</u> como fenômeno social

A ação extensionista na Sorri foi realizada em formato de roda de conversa, possibilitando a todos se sentarem em círculo, tendo em vista os objetivos iniciais de interpretação dos elementos da cultura popular. Inicialmente, os alunos da OSC mostraram-se resistentes à apresentação e conforme a conversa sobre cultura se aproximava do cotidiano, os assistidos passaram a partilhar ditados que pessoas próximas, como familiares e amigos, costumam dizer, como reflexo da cultura popular. Foi

compreendida a importância dos ditados dentro do seu contexto regional, haja visto que muitos participantes trouxeram, também, reflexões sobre como entendiam cada frase, citando exemplos particulares.

Figura 1: Alguns dos participantes da dinâmica. 2024.



Fonte: Autores.

Durante a realização da dinâmica “eu tiro meu chapéu”, o comando dado pelos autores, era que fosse olhado o chapéu e que se respondesse a pergunta “Eu tiro meu chapéu para a pessoa que estou vendo?”. A dinâmica começou com uma mulher cega, que recebeu uma folha em braille no qual estava uma explicação sobre a dinâmica. A mulher falou sobre ela em terceira pessoa, ressaltando os motivos pelo qual tirava o chapéu para si, destacando suas conquistas individuais. Entretanto, em relação aos próximos participantes a compreensão da dinâmica seguiu por outro caminho. Após um dos alunos da Sorri falar sobre sua família, ao responder a pergunta, falando sobre tirar o chapéu para seus familiares e explicar o quanto a família é importante, todos os outros repetiram a ação, também falando sobre seus parentes ao invés de falar sobre si. Além de citar sobre o apoio familiar, muitos comentaram sobre a importância dos esportes em seu cotidiano.

Observou-se a influência da cultura popular no cotidiano, e discutiu-se como a memória individual se relaciona com a memória coletiva. Além disso, emergiram reflexões sobre a importância da família e outras relações sociais na vida das pessoas com deficiência. Essa discussão ampliou o escopo da dinâmica, levando os participantes a considerar não apenas suas próprias conquistas, mas também os vínculos sociais que moldam suas experiências e trajetórias. A troca de perspectivas e vivências enriqueceu o diálogo e fortaleceu os laços entre os presentes, reforçando a relevância desse tipo de ação extensionista na promoção do autoconhecimento e da inclusão.

Discussão

A roda de conversa realizada na OSC Sorri por meio da ação extensionista comprova as ideias de Freire (2014), de que a educação é uma “via de mão de dupla”, onde professores e alunos compartilham suas experiências e constroem juntos novos saberes, por meio da comunicação e a relação entre o saber popular e o científico. A conversa realizada com os alunos da Sorri e a troca de saberes, entre universitários e comunidade levou a reflexões importantes sobre elementos da cultura popular. Cada pessoa contou um pouco sobre sua experiência envolvendo ditados populares, esses relatos foram trabalhados pelos universitários explorando o significado e origem dos ditados, além de explorar as variações regionais. Desse modo, a educação se fez segundo os moldes de Freire (2014), de forma dialógica.

A memória coletiva foi trabalhada durante a conversa em roda, sendo aprofundada durante a dinâmica “eu tiro meu chapéu?”. Enquanto os assistidos citavam ditados que frequentemente falam e escutam em seu cotidiano, perceberam que compartilhavam com seus colegas, situações parecidas nas quais eram citados os ditados. Observou-se que durante as dinâmicas trabalhadas na Sorri, os atendidos trocaram experiências pessoais e compartilharam de ditados populares, percebendo que esses ditados se estendiam para além do ambiente familiar, estando presente também na cultura regional, influenciando na construção da memória coletiva. A ação possibilitou compreender que, tal como cita Halbwachs (1990), as memórias individuais e coletivas vibram em uníssono, se influenciando mutuamente.

Ao final da dinâmica com o chapéu, o tema sobre a cultura popular e a memória coletiva foram retomados. Cada participante havia contado um pouco sobre sua vida pessoal, focando principalmente suas relações com os familiares e a importância do esporte em suas vidas. A conclusão da atividade na OSC se deu comentando como as memórias de cada um se entrelaçaram, compartilhando experiências em comum em meio a tantas conquistas pessoais. As trocas mostraram a influência da cultura regional no dia a dia da comunidade da OSC Sorri, influenciando as vivências e memórias individuais. Analisando os resultados obtidos na ação extensionista na Sorri percebeu-se que a pesquisa se deu de forma colaborativa entre comunidade e universidade. Os autores estudados anteriormente à visita, foram retomados em debates posteriores. As ideias de Freire (2014) guiaram as ações extensionistas, enquanto LeGoff (2003) e Halbwachs(1990) se tornaram a base de estudos sobre a memória coletiva e individual.

Conclusão

A ação extensionista realizada pelos alunos de história da Univap na OSC Sorri em São José dos Campos propiciou um debate sobre cultura e memória coletiva, por meio de uma pesquisa-ação colaborativa entre universidade e comunidade. O tema foi desenvolvido por meio de uma roda de conversa sobre ditados populares e uma dinâmica envolvendo o ditado “eu tiro meu chapéu”, no qual um chapéu com um espelho dentro foi passado entre os participantes para dizerem se tiram o chapéu para a pessoa que observam no espelho. A ação permitiu a reflexão sobre a presença da cultura regional que se dá no cotidiano por meio dos ditados populares, que apenas possuem seu significado se incorporados a aspectos culturais, visto que retirados de seu lugar de origem podem se tornar frases sem sentido. Observa-se também a memória coletiva no cotidiano, no qual pessoas em suas experiências individuais criam e são influenciadas pelo coletivo. A abordagem interdisciplinar e dialógica não apenas enriqueceu a experiência educacional, mas também promoveu uma compreensão mais profunda da interseção entre cultura popular, memória coletiva e educação. Assim, a roda de conversa na OSC Sorri não apenas proporcionou reflexões importantes, mas também se tornou um exemplo tangível de como a educação pode ser uma ferramenta poderosa para promover a inclusão social e cultural.

Referências

- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Editora Paz e Terra, 2014, p.69.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais LTDA, 1990.
- LE GOFF, Jacques *et al.* **História e Memória.** Tradução Bernardo Leitão, V Edição; Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.